XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

# O caso do jogador Allemãosinho: restrição na Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (1918)

RODRIGO CARRAPATOSO DE LIMA*

No ano de 1915 foi criada a Liga Sportiva Pernambucana. Já se passavam quase dez anos da partida "inaugural"[1] e pretendia-se iniciar agora uma "nova era" para o futebol pernambucano. Estabelecendo a prática dos clubes futebolísticos da cidade, a nova liga desejava tomar o papel de liderança sobre os rumos do esporte bretão no Recife, tomando para si a tarefa de zelar pela imagem refinada do jogo.

Em sua capa, o Diário de Pernambuco apresenta um informe da reunião que originaria a Liga.

> *Hoje às 18 horas, haverá reunião das comissões representativas dos clubes sportivos desta capital a fim de discutirem o melhor meio de reorganização da Liga Pernambucana de Football. Pede-se o comparecimento das comissões de todos os clubes a dita reunião que se effectua na Estrada de João de Barros nº 19 (Foot-ball. Diário de Pernambuco, capa, 16 jun.1915).*

Desta forma, cinco times organizaram-se para criar uma liga com o intuito de "reorganizar" o futebol pernambucano: João de Barros Foot-Ball Club, Centro Sportivo do Peres, Sport Club Flamengo, Santa Cruz Foot-Ball Club e Agros Sport Club.

Dias depois, o Jornal do Recife de 19 de junho de 1915 trás uma ampla nota[2], em sua *Chronica Social*, sobre a reunião que organizara a fundação de uma liga de futebol no Recife. Note-se que o futebol era registrado, na ocasião, no colunismo social.

> *Conforme fora previamente annunciado, effectuou-se no dia 16 de fluente, a reunião promovida pelo João de Barros F. Ball Club para tratar-se da organização de uma liga que, **promovendo torneios e campeonatos, desenvolva o foot-ball em nosso***

*Técnico em Assuntos Educacionais e Mestre História pela Universidade Federal de Pernambuco.

[1] Eram cinco horas da tarde quando começou a diversão, notando-se no local grande número de famílias. Jornal do Recife, 23 jun.1905.

[2] Neste ano (1915) o futebol ocupa pouco espaço nos jornais. Normalmente são poucas linhas, onde a preocupação é quase sempre informar a realização de alguns jogos, com as respectivas escalações dos times. Dias depois, após a concretização dos embates, informa-se o resultado numa breve resenha.

> ***meio*** *[grifo meu]. [...] Após ter-se trocado idéias e discutido diversos assuntos referentes ao bom funcionamento da liga, o Sr. Presidente encerrou, por entre as maiores manifestações de applausos das delegações presentes, que vêem com a fundação da liga uma nova era para o foot-ball em nosso Estado.[...]* ***Aplaudindo a iniciativa do João de Barros Foot-Ball Club, fazemos votos para que em breve seja uma realidade entre nós a <<Liga Sportiva Pernambucana>>*** *[grifo meu] (A criação da Liga, Jornal do Recife, p. 03, 19 jun. 1915).*

A constituição de uma instituição organizativa respondia ao anseio de distinção desta em relação aos diversos clubes que surgiam à época. Como fica claro na notícia, o objetivo era desenvolver o futebol em um meio social restrito tomando para si a primazia da prática do futebol na cidade estruturando-se através de relações de amizade e parentesco. A Liga Sportiva Pernambucana (LSP) em suas primeiras reuniões tem as discussões, em sua maioria, girando em torno da aprovação do estatuto e a formação de um campeonato entre clubes fundadores.

> *Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite, que procurava fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do consequente afastamento dos demais setores sociais. Tais agentes detinham tantos os instrumentos necessários (e dispendiosos) para a prática do futebol – bolas, chuteiras, uniformes, campos gramados – quanto os saberes, regras, técnicas e terminologia inglesa (FRANCO JÚNIOR, 2007: p. 63).*

Transcorridos quase três anos de sua fundação, a Liga modifica seu nome, passando a se chamar Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT). Como o próprio nome sugere, agora a Liga tentava ter uma força ainda maior frente aos esportes terrestres de um modo geral. Os clubes futebolísticos tomavam para si, pelo menos no papel, a função da dianteira dos esportes como ficava claro no artigo dois do novo estatuto.

> *A Liga tem por fim: a) Representar e dirigir os desportos terrestres, na região de sua jurisdição fazendo propaganda das suas vantagens como meio de cultura*

> *physica. b) Desenvolver e regulamentar os desportos terrestres. (Football. Jornal Pequeno, p. 02, 21 mar. 1918).*

Percebemos ainda no trecho acima o enaltecimento do cultivo ao corpo como sinônimo de saúde. A principal organização associativa pernambucana tinha o intento de proliferar na cidade do Recife a higienização do corpo através do futebol. Apoiando-se nos preceitos da higiene, os futebolistas sustentavam a prática deste esporte dando-lhe uma justificativa moral.

> *Fazendo-se representantes naturais de um país do futuro, mais forte e sadio, os sportmen reunidos em torno dos clubes de futebol juntavam a força da ciência com um pretendido refinamento do novo esporte inglês, fazendo do futebol um elemento que lhes conferia papel de grande destaque. (PEREIRA, 2000: p.55)*

A distinção pretendida por estes jovens adeptos do exercício físico reunidos em clubes esportivos demonstra a desigualdade na sociedade pernambucana. Fundamentados nas teorias higiênicas, eles mutuamente se identificavam tentando delimitar a prática do futebol a seus ciclos elitistas, dentro de parâmetros como condição social e econômica. Tipos sociais não pertencentes àquele grupo eram entendidos como potencias intrusos.

A exclusão destes "intrometidos" tinha critérios amplos e subjetivos. No Recife, nos parece o caso "Allemãosinho" um exemplo disto.

Augusto Leal de Barros, ex-jogador do America, Peres e Flamengo, Allemãosinho, como era conhecido nas rodas esportivas, fora registrado na Liga desde o ano de 1915.

Em 1918, agora defendendo as cores do Torre Sport Club, Allemãosinho apresentou-se espontaneamente ao Exército e tornou-se voluntário especial.

Acontece que Allemãosinho "*querendo seguir definitivamente a carreira militar, isto é, cursar a Escola Militar*" prestou um concurso para sargentos e foi aprovado, deixando de ser voluntário especial e se tornando praça de pret[3]. Portanto, Augusto Leal de Barros era pertencente de um escalão social inferior e não tinha um perfil social atrelado aos dos jovens

[3] Pertencente a uma categoria inferior na hierarquia militar.

endinheirados que buscavam na prática futebolística, além de uma atividade física moderna e civilizada, uma posição de destaque que os diferenciassem dos grupos mais pobres.

E não tardou para que as tensões inerentes a este fato surgissem dentro da Liga. Expondo o estatuto excludente e restritivo que definia o perfil dos jogadores que deveriam ser registrados na Liga, a discussão em torno da aceitação desse jogador demonstra o refinamento que se pretendia na Liga.

> *A Liga, nos seus estatutos, artigo 86, alínea E determinava que as praças de pret não podem ser registradas como jogadores pelos clubs, exceptus, porém, os voluntários especiaes, os sorteados, os alumnos das escolas militares. [...] O espirito daquella excepção ás praças de pret foi para não entrar quem quer que seja na Liga. [...] (Uma nova questão no seio da Liga. Jornal Pequeno, p.02, 02 mai 1918).*

O Santa Cruz, alegando que o agora Sargento Augusto Leal de Barros estava fora das exceções feitas pela alínea E do artigo 86, protestou perante a Liga, para que este não jogasse pelo Torre. Pertencente a uma categoria inferior na hierarquia militar, Augusto Leal não era bem aceito por aqueles que desejavam a manutenção da segregação entre camadas sociais. Essa relutância em aceitá-lo demonstra como se dava o preconceito com os militares subordinados.

E o cronista do Jornal Pequeno questionava:

> *Si até bem pouco tempo, o sr. Augusto Leal de Barros, como voluntario especial, era digno de pertencer á Liga, hoje, devido as razões expostas acima, estando fora da excepção feita no art. 56, ás praças de pret elle não é mais digno. Então o Santa Cruz vê-se na dura e triste contigencia de confessar que foi a farda que o tornou indigno? (Uma nova questão no seio da Liga. Jornal Pequeno. Jornal Pequeno, p.02, 02 mai 1918).*

No dia posterior o Jornal Pequeno publica mais outro amplo artigo discutindo a situação de Allemãosinho. O artigo 86 é publicado e debatido. Observa-se, de maneira transparente, que a proibição de inscrição na Liga alcançava também outras ocupações/posições de classes mais pobres quando trabalhadores ferroviários não eram dignos da companhia dos *sportmen*.

> *Não poderão ser registrados motoreiros e conductores da <<Tramway>> e praças de pret, exceptuando os voluntários especiaes, os alumnos das escolas militares e os obrigados ao serviço militar por sorteio. [...] O grande erro é a interpretação rigorosa da lei. Quando o legislador abriu a excepção aquellas praças de pret no art. 86 e excluindo as demais, commeteram uma grande injustiça, porque se o espírito dela foi o saneamento moral, nós não vemos a distinção de caracter entre o soldado sorteado e o especial e os simples voluntarios" (A sessão da directoria, hontem. Os casos do Casa Forte versus Peres e Santa Cruz versus Torre. Jornal Pequeno, p.02, 03 mai 1918).*

Para o cronista esportivo do Jornal Pequeno a aceitação do questionamento levantado pelo Santa Cruz para proibição do registro de Augusto Leal no Torre seria um erro. Enquanto Allemãosinho como voluntário especial era "digno" de estar registrado na Liga, por que após subir na hierarquia militar, este não seria mais bem vindo? Ficaria parecendo que este teria sofrido depressão moral.

> *A moral corrompida sempre há em todas as classes. [...] Não, não pode ser attendido o Santa Cruz, porque os direitos adquiridos pelo cidadão, não podem se affectar por uma lei posterior. Seria o cumulo essa decisão do concelho da Liga (A sessão da directoria, hontem. Os casos do Casa Forte versus Peres e Santa Cruz versus Torre. Jornal Pequeno, p.02, 03 mai 1918)*

Para resolver o caso do sargento Augusto Leal de Barros, a Liga marcou uma reunião extraordinária do conselho. Após exposição do Santa Cruz, o Torre defendeu-se. Em seguida a esta defesa, pediu a palavra Joaquim Bastos, que propôs que fosse afastada por tempo indeterminado a alínea E do artigo 86 dos novos estatutos, quanto as praças de pret não poderem fazer parte da Liga. Recebida por aplausos a proposta de Joaquim Bastos foi aceita por maioria de votos. (Jornal Pequeno, 04/5/1918, p.02).

Dias depois, Joaquim Bastos, autor do projeto de afastamento da alínea E do artigo 86 recebe um telegrama parabenizando-o, o qual é publicado:

> *Marinheiros do Deodoro Foot-Ball Club apreciando vossa atitude felicitam ter conseguido suspender disposição regulamento Liga injusta contra praças de pret servidores pátria, mas não gratificados. O presidente – Cardoso. (Telegramma. Jornal Pequeno, p.02, 09 mai 1918).*

A retirada do referido artigo diminuía o caráter restrito da Liga. Os indivíduos pertencentes às baixas patentes na hierarquia militar eram agora oficialmente aceitos nos clubes elegantes e finos filiados à Liga.

Isso não quer dizer que uma grande massa de indivíduos "inferiores" filiou-se aos clubes de futebol. Tratou-se apenas do reconhecimento de uma posição considerada subalterna na classe militar. Outras medidas restritivas ainda estavam sendo executadas, como por exemplo, a necessidade de pagamento de joias por parte dos novos associados.

Seria prematuro afirmar, mas parece ser evidente que Augusto Leal de Barros apresentava muito mais do que "*atributos morais fundamentais para uma boa convivência*". Com o apelido que possuía, este atleta possivelmente não tinha traços mulatos ou negros.

Ainda, esta disputa em torno de sua presença nos gramados nos traz indícios que este guardava uma condição técnica que o diferenciava dos demais jogadores, o que pode ter provocado tanto o ataque do Santa Cruz na tentativa de enfraquecer o adversário quanto a defesa do Torre na qualificação de sua equipe. Em síntese, talvez neste momento se pensasse na obtenção de títulos no futebol local, o que demonstraria seu clube estar à frente dos seus pares.

> *Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional (FRANCO JÚNIOR, 2007: p. 61).*

# REFERÊNCIAS

ALVES, Givanildo. Federação Pernambucana de Futebol: 1915-1999: 85 anos de bola rolando. Recife: Bagaço, 2000.

CAPRARO, André Mendes; JÚNIOR, Celso Moletta; JÚNIOR, Miguel A. de Freitas; SANTOS, Natasha. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. Revista de História Regional**.** Ponta Grossa, v.17, n.2, p.534-555, 2012.

FERREIRA, José Maria. História dos campeonatos. Memória do futebol pernambucano (1915 a 2007). Recife: CEPE, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

LIMA, Eduardo José. Silva. Futebol e Modernidade no Recife dos primórdios do século XX. In: XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio - Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: NUMEM, 2010.

MARANHÃO, Tiago Jorge de Albuquerque de. "Para o melhoramento da raça". Eugenia e segregação no futebol do Recife. Monografia de bacharelado em História apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

_____. Inferiores e degenerados: "raça" e futebol no Recife do início do século XX. Disponível em http://www.facol.com/gestus/artigos/artigo5-completo.htm. Acesso em 31/3/2015, às 00h22.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REZENDE, Antonio Paulo. O Recife. Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

SALLES, José Geraldo do Carmo. Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Henrique Sena dos. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912. Esporte e Sociedade. Rio de Janeiro, n.16, 2010/2011.

SILVA, Joana Lessa Fontes. Entre amadorismo e profissionalismo - o exemplo do processo de esportivização brasileiro a partir do futebol. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009, Recife. ANAIS XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009.

_____. Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009

VICTOR EMRICH. Trabalho, Greves e Futebol: Luta, Identidade e Sociabilidade na Formação da Classe. Trabalhadora Friburguense (1911-1933). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.